

# O ETERNO E O EFÊMERO: PAULO, OS VENCEDORES OLÍMPICOS E A ESCATOLOGIA CRISTÃ

---

MILTON LUIZ TORRES<sup>1</sup>

**Resumo:** Este estudo reflete uma pesquisa pessoal originada em um curso de pós-graduação em história grega na Universidade do Texas em Austin, enquanto eu cursava o doutorado em Arqueologia Clássica. Uma apresentação intitulada “A Lista de Vencedores no *Stadion* Olímpico”, que realizei em conjunto com meu colega de classe Nathan Powers, inspirou inicialmente minha investigação sobre como as listas de vencedores moldavam a memória cultural — um tema que agora reinterpreto a partir da teologia paulina e do apocalipticismo cristão apostólico.

**Palavras-chave:** Teologia bíblica. Escatologia. Memória Cultural.

## THE ETERNAL AND THE EPHEMERAL: PAUL, THE OLYMPIC VICTORIOUS ONES, AND CHRISTIAN ESCHATOLOGY

**Abstract:** This study reflects personal research that originated in a graduate course on Greek history at the University of Texas at Austin while I was pursuing my doctorate in Classical Archaeology. A presentation titled “The List of Olympic Stadion Victors,” which I delivered jointly with my classmate Nathan Powers, initially inspired my investigation into how lists of victors shaped cultural memory—a theme I now reinterpret through the lens of Pauline theology and apostolic Christian apocalypticism.

**Keywords:** Biblical Theology. Eschatology. Cultural Memory.

---

<sup>1</sup> Doutor em Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo (USP). Docente aposentado do Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). E-mail: miltntorres@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1158-4876>.

Há suficientes coisas irritantes e incômodas na vida; as coisas não são também ruins no festival olímpico? O calor intenso não o escalda ali? A multidão não o esmaga? Por acaso é fácil se refrescar? A chuva não o encharca até a pele? O ruído, o estardalhaço e outros aborrecimentos não o incomodam? Contudo, parece-me que você é perfeitamente capaz de suportar – e, de fato, suporta com alegria – tudo isso, quando pensa nos espetáculos fascinantes que irá ver.” Epicteto, *Dissertações* 3.24 (século 1º d.C.).

## 1. Introdução

Este estudo reflete uma pesquisa pessoal originada em um curso de pós-graduação em história grega na Universidade do Texas em Austin, enquanto eu cursava o doutorado em Arqueologia Clássica. Uma apresentação intitulada “A lista de vencedores no *Stadion* Olímpico”, que realizei em conjunto com meu colega de classe Nathan Powers, inspirou inicialmente minha investigação sobre como as listas de vencedores moldavam a memória cultural – um tema que agora reinterpreto a partir da teologia paulina e do apocalipticismo cristão do período apostólico.

## 2. Paulo e as Disputas Atléticas

O Novo Testamento – particularmente as cartas de Paulo – emprega repetidamente a imagem das disputas atléticas para descrever a vida cristã. Com isso, o apóstolo enfatiza a disciplina, a perseverança e a esperança da recompensa eterna. O público de Paulo em Corinto teria achado essas metáforas imediatamente inteligíveis devido à proximidade dos Jogos Ístmicos, um dos quatro grandes festivais pan-helênicos (Torres, 2012, p. 10-12). A imagem atlética de Paulo não constitui mera ornamentação retórica; ela se baseia na centralidade cultural dos jogos como meio de mensurar o tempo, a virtude, a honra e a memória. Dois temas perenes emergem dessas metáforas paulinas: o autodomínio e a disciplina que o treino oferece (1Co 9:24-27) bem como o contraste entre a recompensa eterna e a perecível (1Co 9:25). Juntamente com passagens complementares em 2 Timóteo 2:5; 2 Timóteo 4:7-8; e Filipenses 3:13-14, esses elementos constroem uma teologia coerente do cristão como vencedor.

Paulo apresenta a competição atlética como uma metáfora para a perseverança missionária: “Vocês não sabem que, de todos os que correm em uma competição, apenas um ganha o prêmio? Corram de tal modo que alcancem o prêmio. Todos os que competem nos jogos se submetem a um treinamento rigoroso para obter uma coroa que logo perece, mas nós o fazemos para ganhar uma coroa imperecível” (1Co 9:24-25, NVI). O apóstolo contrasta a coroa perecível dos Jogos Ístmicos (feita de pinho e, mais tarde, de aipo) com a coroa imperecível que Deus concede. Esse contraste se torna um eixo teológico entre o efêmero ou temporário e o eterno.

A isso, 2 Timóteo 2:5 acrescenta uma dimensão ética: vencer não é suficiente, pois a maneira da vitória deve estar alinhada com a ordem divina. Assim, “nenhum atleta é coroado como vencedor se não competir de acordo com as regras” (NVI).

Por sua vez, 2 Timóteo 4:7-8 inclui a ideia da luta e da corrida: “Combati o bom combate, terminei a corrida, guardei a fé. Agora, está reservada para mim a coroa da justiça, que o Senhor, justo Juiz, me dará naquele dia; não somente a mim, mas também a todos os que amam a Sua vinda” (NVI).

Finalmente, Filipenses 3:13-14 acrescenta a dimensão do alvo: “Irmãos, não penso que eu mesmo já o tenha alcançado, mas uma coisa faço: esquecendo-me das coisas que ficaram

para trás e avançando para as que estão adiante, prossigo para o alvo, a fim de ganhar o prêmio do chamado celestial de Deus em Cristo Jesus” (NVI).

Portanto, Paulo emprega consistentemente a linguagem atlética para evocar resistência, disciplina e esperança escatológica.

### 3. As Listas dos Vencedores Olímpicos e a Medição do Tempo

No mundo grego antigo, ocorria um intervalo de quatro anos entre duas edições dos Jogos Olímpicos, o que funcionava como principal quadro cronológico da história grega. De acordo com Christesen (2007), os principais desenvolvimentos incluem: Hípias de Élis (final do século 5º a.C.), que compilou pela primeira vez a lista dos vencedores olímpicos e identificou cada Olimpíada pelo vencedor da prova do *stadion* (Plutarco, *Numa* 1.6); Timeu de Tauromênio (início do século 3º a.C.), que foi o primeiro a utilizar a lista de forma sincrônica, pois numerava as Olimpíadas e se referia a cada uma pelo número e nome (Políbio, *Histórias* 12.11.1); e Eratóstenes de Cirene (final do século 3º a.C.), que sistematizou a cronologia olímpica em seu tratado *Peri chronographion*, o que lhe rendeu o título de “pai da cronologia”.

Já no período helenístico, a lista de vencedores estava completa e era amplamente aceita como uma grade cronológica para toda a história grega – embora a erudição moderna reconheça que sua cronologia inicial tenha sido fruto de especulações. Entre essas listas, há convergências importantes, mas também divergências, e elas dizem muito sobre a natureza das listas como construções eruditas e não como registros absolutamente homogêneos. Em termos gerais, as listas antigas convergem ao fixar a sequência básica das Olimpíadas como um quadro cronológico pan-helênico, mas divergem bastante quando se entra nos detalhes dos primeiros vencedores, das modalidades registradas e da forma de ordenar ou datar os dados. As listas não são rivais no sentido moderno de versões concorrentes de um mesmo banco de dados, mas camadas sucessivas de transmissão e sistematização. Hípias, Timeu, Eratóstenes e cronógrafos posteriores trabalharam com graus diferentes de propósito: uns coletavam nomes, outros os convertiam em esquema cronológico, e outros os organizaram numa cronologia universal. Por isso, a convergência maior está na estrutura geral; a divergência maior está no conteúdo inicial e em detalhes prosopográficos e cronológicos.

### 4. A Apropriação Cristã dos Jogos

Um tratado cristão anônimo – frequentemente intitulado *Signa iudicii* (“Sinais do juízo”) e preservado em armênio – oferece uma notável apropriação teológica das listas de vencedores olímpicos. Estudiosos como Stone (1981) editaram e traduziram a obra, que mescla a expectativa apocalíptica com uma reinterpretação cristã da ordem cronológica grega. Trata-se de uma obra que oferece “uma série de sinais e portentos tradicionais” (Stone, 1981, p. 16).

O texto apresenta um quadro apocalíptico e descreve o fim do mundo por meio de um fogo que se eleva 15 côvados acima das montanhas mais altas. O autor identifica essas montanhas como o Monte Tabor, o local da Transfiguração (tradição sagrada), e o Monte Olimpo (tradição gentílica), centro simbólico da cultura grega e local onde ocorreria a dissolução culminante da história humana.

Pouco depois da introdução de sua obra, o autor embarca em uma digressão e afirma que, a cada quatro anos, os gregos subiam ao Monte Olimpo para inscrever os nomes dos vencedores em “poeira fofa” (linhas 5-10 da versão em hebraico). Para usar a terminologia de Christesen (2007, p. 1), isso é “poética e ligeiramente confuso”. As evidências arqueológicas e

textuais mostram que essa prática nunca ocorreu. Contudo, historicamente, a afirmação é secundária; o que importa é a intenção teológica.

O autor anônimo se apropria das Olimpíadas como a mais elevada medida humana de tempo e, em seguida, subverte-a ao situar a lista de vencedores na montanha que o fogo divino cobrirá. Com isso, indica que os sinais escatológicos apagarão mesmo as cronologias humanas de maior prestígio. Nesse caso, a destruição vai varrer até os vencedores olímpicos, símbolos da glória meramente humana.

Nesse aspecto, a obra *Signa iudicii* ilustra uma estratégia dos cristãos da era apostólica: não rejeitar o passado clássico de forma categórica, mas batizá-lo em uma narrativa escatológica cristã, transformando símbolos culturais gregos em advertências sobre a transitoriedade humana.

## 5. O Significado Social e Religioso dos Jogos Olímpicos

Embora a primeira Olimpíada seja tradicionalmente datada de 776 a.C., a primeira lista sistemática de vencedores olímpicos é geralmente atribuída a Hípias de Élis, em torno de 400 a.C.; posteriormente, cronógrafos helenísticos ampliaram e sistematizaram essa tradição.

Por outro lado, os Jogos Olímpicos eram mais do que a base do calendário e mais do que meras competições atléticas. Eram festivais religiosos pan-helênicos. Suas características principais incluíam a trégua sagrada (*ekecheiria*), durante a qual todas as hostilidades cessavam por causa dos jogos, sendo que todos os gregos podiam viajar em segurança. A participação era exclusivamente masculina, pois apenas homens gregos livres podiam competir. Era vedada a participação de bárbaros, mulheres e escravos, a não ser como proprietários ou proprietárias de carros de corrida. No caso das mulheres, Pausânias (*Descrição da Grécia* 5.6.7) relata, no século 2º d.C., que,

ao seguir de Cilo pela estrada para Olímpia, antes de atravessar o rio Alfeu, encontra-se uma montanha de penhascos altos e íngremes. Chama-se Monte Tipeu. É lei (νόμος) em Élis precipitar (ὠθεῖν) dali qualquer mulher flagrada assistindo aos Jogos Olímpicos – ou mesmo estando do outro lado do Alfeu – nos dias em que a presença feminina é proibida. Diz-se, porém, que nenhuma mulher jamais foi flagrada (grifo nosso).

Pausânias (*Descrição da Grécia* 1.44.1) também explica que, “de acordo com o costume antigo” (κατὰ δὴ παλαιὸν ἔθος), os competidores olímpicos usavam, “nas provas” (ἐν τοῖς ἀγῶσι), roupas com as quais se cingiam, mas certo Orsipo percebeu que as vestimentas lhe prejudicavam o desempenho e, por isso, se despiu e “correu nu” (δραμὼν γυμνός), prática que se generalizou, exceto nas corridas com armadura, quando os atletas portavam escudo, capacete e caneleiras.

Os jogos contavam com modalidades variadas: *stadion*, corridas de longa distância, corridas com armadura que pesava mais de 20 quilos, boxe, luta livre, pancrácio, corrida de bigas e pentatlo. O prêmio pela vitória era a coroa de oliveira. Não era oferecido nenhum prêmio em dinheiro em Olímpia, mas os vencedores recebiam privilégios em suas cidades natais como, por exemplo, refeições gratuitas, estátuas, isenções fiscais e cargos políticos.

De fato, os vencedores olímpicos eram tratados como figuras quase heroicas ou divinas que as odes e epínícios de Simônides (séculos 6º e 5º a.C.), Baquilides (século 5º a.C.) e Píndaro (séculos 6º e 5º a.C.) celebraram. Em uma ode olímpica (1.97-99), Píndaro, por exemplo, relata que “o vencedor (ὁ νικῶν), dali em diante, tem uma vida docemente tranquila como o mel (βίοντον ἔχει μελιτόεσσαν εὐδίαν)” (grifo nosso). Trata-se da mesma palavra para “vencedor” que João emprega nas cartas às sete igrejas do Apocalipse (2:7, 11, 17 etc.). Baquilides, por sua vez,

declara, no epinício 1.154-158, que os vencedores olímpicos se tornavam merecedores de “coroas radiantes” (λαπαῶν [...] στεφάνων), uma afirmativa que faz incidir luz sobre os vários textos do Novo Testamento que prometem coroas àqueles que forem fiéis a Deus (1Co 9:25; 2Tm 4:8; Ti 1:12; Ap 2:10; 3:11, passagens que pintam um quadro consistente em que as coroas são uma metáfora para a recompensa eterna e para a vitória sobre o pecado e a morte).

## 6. Conclusão: A Coroa do Vencedor à Luz da Eternidade

As metáforas atléticas de Paulo e a reapropriação cristã da lista de vencedores olímpicos convergem para uma única percepção teológica: as conquistas e honrarias humanas são temporárias, mas a recompensa de Deus é eterna.

Na Grécia clássica, os vencedores olímpicos usavam coroas perecíveis. Seus nomes eram inscritos na pedra ou, talvez, até mesmo na poeira. Sua glória durava apenas uma geração. No Novo Testamento, porém, os crentes avançam em busca de uma coroa imperecível. Sua vitória é medida pela fidelidade, não meramente pelo desempenho. Seu acerto de contas final é eterno, confirmado no Dia do Juízo.

A obra *Signa iudicii* cristaliza esse contraste quando retrata a chama grega que envolve o Monte Olimpo, a própria montanha onde os vencedores eram supostamente registrados. Até mesmo os símbolos culturais mais duradouros são consumidos e apenas a recompensa eterna de Deus permanece.

O público de Paulo teria compreendido esse contraste com clareza. A imagem atlética não é meramente metafórica. Trata-se de uma exortação para reorientar o desejo, afastando-o das coroas perecíveis e direcionando-o para a coroa imperecível, que é moldada pela mesma disciplina, autodomínio e adesão às regras divinas que regem os jogos, mas voltada para uma vitória que a morte não pode apagar.

## Referências

BACCHYLIDES. *Epinicia*. In: MAEHLER, H. (Ed.). **Bacchylidis carmina cum fragmentis**. 10. ed. Leipzig: Teubner, 1970. p. 1-51.

CHRISTESEN, Paul E. **Olympic victor lists and ancient Greek history**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

EPICTETUS. **Discourses (Dissertations), Fragmenta, Enchiridion**. In: OLDFATHER, W. A. (ed.; trad.). Loeb Classical Library, v. 131 (Discourses, books 1-2) e 218 (Discourses, books 3-4). Cambridge: Harvard University Press, 1925.

PAUSANIAS. *Graeciae descriptio*. In: SPIRO, F. (Ed.). **Pausaniae Graeciae descriptio**. 3 v. Leipzig: Teubner, 1903.

PINDARUS. *Olympia*. In: MAEHLER, H. (Ed.). **Pindari carmina cum fragmentis**. 5. ed. Leipzig: Teubner, 1971. part 1.

PLUTARCH. Numa. In: PULCHER, Frank C. (Ed.). **Plutarch's Lives**. Tradução de Bernadotte Perrin. Loeb Classical Library, v. 46. Cambridge: Harvard University Press, 1914.

POLYBIUS. **The histories**. PATON, W. R. (ed.; trad.). Loeb Classical Library, v. 128, 129, 131, 160, 161, 162. Cambridge: Harvard University Press, 1922-1927.

STONE, Michael E. (ed.; trad.). **Signs of the Judgement (‘Olam Qiyāmā)**. Cambridge: Harvard University Press, 1981.

TORRES, Milton L. O apóstolo Paulo, você e a copa do mundo. **Revista Ministério**, v. 78, p. 10-12, dez. 2012.